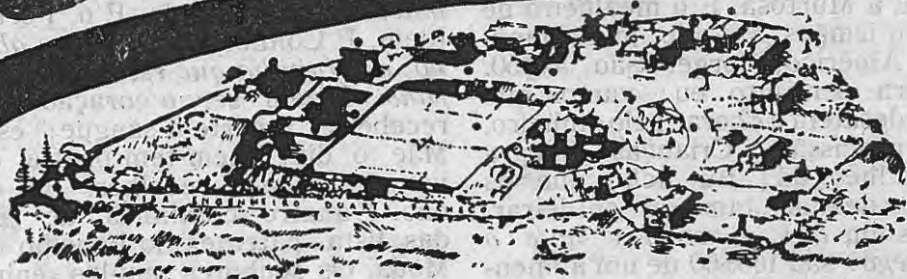




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 157
PREÇO 1\$00

POBRES

Eleições

Tornei a ir. E' a acção de graças do altar. Estive em casa da cancerosa. A ignorância dos sábios não tem nada que fazer ali; só o Amor. Tinha à sua frente uma tigela de café pronto a tomar... sem açúcar. Eu levava açúcar...! Adoçei, coloquei nas suas mãos a bebida quente. Ela toma umas colheres e deixa ficar: *eu nunca tenho apetite de nada.*

Procura uma posição e enquanto o faz, geme um *oh cantinho do purgatório!* Doutrina. Teologia. Que importa que outros neguem? Se a ciência não dá remédio, porque é que tira à fé?

Ela vai dizendo. Diz do seu mal: *é uma coisa que me agarra e me prende toda.* A noite é o que ela mais teme: *quando as portas se fecham e vem a escuridão!*

Eu estou presente. Pergunto-lhe o que é que precisa. Ela pede que me deixe estar; que vá mais vezes; que apareça.

Vem agora o silêncio; uns ais cansados; outro jeito para aliviar.

Está a candeia de azeite; um senhor muito pobre no santuário. *Como o meu Deus se tem lembrado de mim!* Mais teologia. Teologia alta. Um tratado completo da doutrina do sofrimento cristão, vivido e meditado e saboreado.

É mesmo necessário pregar esta doutrina, não venha a pegar a moda, como já se está fazendo, de matar os que sofrem, por misericórdia!!

Como vamos todos caminhando para o fim, Deus vai assim enlouquecendo os homens, para que não vejam nem sintam, nem compreendam...

Agora vem o Barredo, e antes de prosseguir, eu digo aqui aos meus leitores que ando sentido por ter encontrado na cidade do Porto, algo pior do que o Barredo!!! Mas deixemos ficar isto por agora e vamos às coisas já conhecidas. Eu descia S. João a caminho da Fonte Taurina, apertado de medo que tivesse já morrido quem ia procurar. Tenho fundamento para estes receios. Ando afeito a estes choques que experimento sempre

em crescente dificuldade. Não me enganei. Ao entrar dentro da porta, ele estava no caixão! Três crianças ao pé e a Viúva da mesma sorte. Ela descobre.

Quer que eu veja a cara de seu marido defunto. Tinha sido e era ali ainda o seu tesoiro. Sem dar por isso, a Viúva teve para comigo uma grande delicadeza. Uma grande afeição. Só aos seus mais chegados, ela teria feito o mesmo. A miséria não apaga nem diminui a capacidade de amar.

Desço os degraus que dizem para a rua. Uma enorme sargeta enxuga detritos e dejectos. Homens espreitam das tabernas. Um monte de carrejónas, dizem à minha passagem: *morreu tão astitinho!* Subi ao Infante tomei um electrico e eis-me na Alta.

Ficou-me no peito a visão das três crianças, uma das quais pedia pão a chorar e volvidos três dias, torno a descer a mesma rua, com o mesmo fim. O aposento estava nú. A palha do enxergão teria sido possivelmente removida e queimada. Deitadas sobre um cobertor e cobertas com outro, estavam as três crianças sózinhas. A que antes chorava, agora gemia. Perguntei porquê. *Estou doente* disse-me ela. Nunca nenhuma criança diz de si que está doente. As crianças não conhecem doenças. Aquela queria pão; era este o seu mal. Deveria ter trazido as três na minha companhia. Deveria ter trazido ao menos duas. Uma devia ter sido coisa certa. Não trouxe nada. Não trouxe ninguém. Trouxe a dôr que levava e que ainda hoje sinto; não temos lugar.

Aquela tarde era destinada à visita dos pobres. No largo da Ribeira, quedo um pouco a vêr o Douro barrento. De novo se apodera de mim o justificado susto, antes de me embrenhar. Eu ia ver um barqueiro. Da porta de certa casa, sou chamado amorosamente e dentro desta, outros me pedem que suba para ver. Ali soube que meia hora antes, tinha saído da casa da

(Continua na 2ª página)



Amadeu Fino, assistente do chefe. Teve 4 votos. É carpinteiro e chefe do grupo desportivo. Não é para brincadeiras; há tempos, o Armando desobedeceu-lhe, numa hora de treino. Ele calou-se. Vem o domingo em que o grupo ia jogar a Alvarenga. Dia de sol, dois carros ligeiros, merenda, jogo,—tudo a convidar. Apenas o desobediente põe o pé no estribo, vai a mão do Amadeu: *filho! Não vais. É Armando, que é o pai e a mãe dos refilões,— não foi!!* Eu deliro de alegria. Eu gosto de ver os pimpões assim amachucados.



António Sérgio, de Anadia. É o chefe eleito. Andou na trepa, aonde se cobriu de lolros e foi menina dos olhos dos seus Oficiais. Armas? Não. Bola! Trouxe marcas para casa. O derradeiro jogo foi em Lisboa e ali lhe deram semelhante canelada, que ele houve de baixar ao hospital da Estrela e aqui andou manco muitos dias. A medalha!



Serraz Cid, de Tomar, assistente do chefe, e dito cessante. Cumpriu e teve 4 votos. Era sapateiro e já fazia sapatos, mas meteu-se-lhe em cabeça ser intelectual e não descansou nem deixou descansar, enquanto se não viu no escritório aonde hoje trabalha. Teve de ir a um especialista dos olhos, aonde lhe recitaram uma óculos e agora é que é inchar. Ele usa óculos. Mais intelectualidade! O povo da terra que não está afeito nem se afaz a nomes raros, trata-o por Cidres, em vez de Cid. É o Cidres.

Tinha dito que não, mas agora digo que sim. E' próprio do homem mudar de resolução. Fizemos eleições na casa de Paço de Sousa. Como os grandes têm refeitório próprio e vida própria, foi somente aos desta categoria que se deu o poder e a liberdade de escolherem um entre o seu lote; o que não impediu uma tremenda reboada de palmas dos médios e dos pequenos, quando ouviram, no seu refeitório, o nome do rapaz eleito. E que também gostaram.

Damos aqui as fotografias do chefe e também dos dois assistentes que ele ao depois escolheu. Estes três rapazes juntamente com oito pequenos chefes das casas de habitação, reúnem-se todos os domingos e deliberam. O poder dos três é muito extensivo. Exemplo: tinhamos aqui um rapaz destinado a um emprego no Porto. Estava tudo preparado e ele ia seguir em breves dias. Mas o dito rapaz cometeu uma falta e tal foi ela, que eu ouvi a palavra severa da boca do chefe: *não vais para o Porto. Vais agora rachar lenha pró telheiro.*

Não julguem os senhores que a nossa obra é feita de pétalas. Não é. Temos de enfrentar necessariamente as suas naturais dificuldades; e elas são de toda a hora! O rapaz em questão é nosso há uns seis anos. Era do pior, mas tem

feito alguns progressos e eu ia tentar um emprego. E que é que acontece? Tinham dado ao Zé de Arouca uma linda e valiosa harmónica de boca que o rapaz guarda no seu armário e fecha com a chave. O outro procura uma chave falsa e foi lá por ela. Havia de ir para o seu emprego daí por dois dias. Seis anos de convívio na nossa aldeia, parece não lhe terem dado ainda a medida certa das suas responsabilidades. Tarde irá para um emprego. Estou contente que o chefe assim pense. Os senhores não pensem que a nossa obra é feita de pétalas.

Debaixo das telhas das nossas casas, há fluxo e refluxo. Quer no Tojal, quer em Miranda, quer em Coimbra, e aqui são duas casas. Quer no Porto, quer nesta de Paço de Sousa; em todas elas habitam e transitam as qualidades e os defeitos que são dados à pobre natureza humana. Tal como no seio das famílias marcantes, também aqui brota o Bem e o Mal da alma destes seres, que são obra do Criador. Ninguém cuide, nem nos tome por uma obra perfeita. Ninguém se admire, que um dos nossos rapazes, após seis anos de aturada formação e diante da bela perspectiva dum feliz começo de vida;

(Continua na 3ª página)

A nossa Tipografia

O NOSSO JORNAL

E o assinante 1671 na marca. E meia dose de algures. E a Foz na marca. E a primeira prestação de vinte para começar o Ano Santo. E a Murtosa. E o mealheiro de cinco irmãos António, José, Manuel, Américo, Jorge. São 44\$50. Agora pergunto eu: vamos que eles desatem a chorar pelo dinheiro, na procissão? Crianças é para onde lhes dá! Eu acho que os pais deviam também enfileirar. Mais um hoje o recebi e hoje o entrego: são 100\$00 de um aumento de ordenado. E 50\$00. E a assinante 11861 na marca. E Lisboa na marca. E Coimbra também. E um rapaz católico de vinte e um anos a dizer que retirou a continha dos cem de um prémio literário que recebeu. Não é nada vulgar encontrar-se uma cabeça de vinte e um anos assim; regra geral são tudo cabezinhas. E meia dose do Porto. E mais um com vinte escudos. E dois de Mangualde na marca; são dois advogados. E Lisboa na marca. E uma da mesma terra a valer por duas. E uma dose inteira de Lamego. E uma prestação de vinte. E uma professora do Ribatejo tira cem escudos do seu ordenado; este dinheiro traz sangue! E uma Vicentina de Lisboa. E um sacerdote do Seminário de Leiria na tabela. E a assinante 12319 deu em cheio. Duas penitentes na marca, de Vila Nova de Foscoa. São as primeiras que aparecem com esta designação. Espera-se que elas vão de cara alegre e levantada conforme o preceito do Senhor. Não gosto de ver ninguém de olhos tristes e baixos. A piedade é alegre. E Lisboa. E Angola, Vila Lusó. Sim senhor; os ultramarinos estão animando as coisas. Mais sessenta da mesma terra. E um António do Porto. E a terceira prestação de Évora. E uma doente do sanatório de Valadares. E um filho de provinciano. E uma ajuda de Castro Daire. E meia dose de Sabugal. E cem do assinante 8688. E o Porto na marca. E a continha de cem da rua de S. Domingos à Lapa. E um assinante do Fundão a valer por oito. E Aveiro com vinte. E cem de Algures. E cem de Lisboa de uma tia. Outra vez Lisboa. E Vila da Feira com metade. E Matozinhos. E algures. E o Porto com meia ração. E o Porto inteiro. O Porto é pouco de metades quando tem que dar qualquer coisa a alguém. E uma prestação de vinte. E o Porto. E Riba Tua. E o Porto. E um visitante que veio aqui entregar por suas mãos um continho de reis e foi-se embora mais contente e mais rico do que era antes de ter entrado. E Azambuja. E uma cota do Porto. E cem de algures. E as costureiras do Hospital de Santo António com 30\$00 e com 20\$00; oh valores! E a Covilhã. E meia ração de Viana do Alentejo. E a Covilhã. E Viseu a valer por dois. E Viseu. E a segunda prestação de Lisboa. E o Porto com 500\$00 das minhas economias e 100\$00 do meu marido.

Não se aflija demasiadamente com as doenças da sua Mãe; se o Senhor a escolhe entre muitas, levantemos as mãos, cristãmente. E Braga. E Vila Moreira com 200\$00—segunda prestação. E Alpedrinha. E o Porto com 700\$00. E Oliveira de Azemeis. E Vila Viçosa. E o senhor Madureira do Banco. O Faisca conta maravilhas

deste Senhor. E S. Mamede. E uma Vicentina. E a professora de Envidos com meia ração. E o Porto. E a primeira prestação de meu noivo. E meia tabela. E o Porto. Idem. E Coimbra; o primeiro abono de família que recebo de um filho. Dizem ser o coração que recebe e reparte o sangue; esta Mãe o diz! Quem tem pressa de ver a procissão recolher? Eu cá não. Equatro continhos de reis das listas patentes no Espelho da Moda. Os senhores mai-las senhoras não se têm esquecido. Por hoje mais nada.

Atrazado	282.500\$00
Desta feita	11.800\$00
	294.300\$00

Sim senhor. Muito bem. Estamos aqui estamos nos trezentos; daí ós quinhentos, é um salto.

POBRES

(Continuação da 1.ª página)

Viúva o barqueiro que eu ia visitar..!

A gadanha. A gadanha inexorável das Escarpas e dos Bêcos. Há vinte anos que sou, por misericórdia de Deus, visitador de pobres. Não vejo nenhum progresso. Não sinto que hoje se faça melhor do que então. Nunca vi tantos mortos como agora! Se algo se tem feito, é tanto o que havia por fazer, que parece não vermos nada. E era por aqui. Era por aqui que havíamos de ter começado.

Esta deveria ter sido a Inquietação. De outra sorte, Deus não acredita. Deus não acredita nos Seus. Nós mentimos. Dizemos a Ele que sim e ao próximo, que não!

TRABALHO

Nós esperavamos trabalho sim, mas com tanta devoção, não. É mesmo esta devoção que engrandece as encomendas. Elas vêm de toda a parte. Elas são declarações de regozijo, são esperança no futuro desta classe de mocidade. São um ressurgir.

Temos em Coimbra um rapaz a fazer aprendizagem e temos outro no Porto da mesma sorte; de forma que a seu tempo, eles vão ensinar como se fazem livros, aos seus irmãos.

O Júlio, em vez de duas como até hoje, tem actualmente três explicações por semana, de forma que se obriga a fazer serão para dar conta dos seus trabalhos de

Andava há dias na quinta, quando me vieram dizer que de Lisboa chamavam ao telefone, e eu desandei imediatamente. Lisboa, a capital.

E' de lá que me veem boas notícias e más notícias, que de tudo isto tem vindo.

Desta vez foi um senhor a falar-me do jornal; do Gaiato. Tinha ele acabado de ler, ao que parece, e informa que só há em todo o Império um jornal melhor do que este nosso. Há só um melhor do que o Gaiato foram estas as suas palavras. Confesso que não fiquei contente. A força de ouvir dizer que é o melhor, tenho-me convencido e acredito que assim seja. Não fiquei nada contente. Mas a voz prossegue. As linhas estavam desimpedidas naquela maré. Ouvia-se bem: *Há só um melhor. É o número seguinte. O seguinte é sempre melhor do que o anterior.* Este aprêço veio de Lisboa. Veio da capital. Mais. Era da Arcada que falavam!

Ora muito bem. Será por isto que nós aqui em casa temos bicha permanente. O Avelino pede-me que põna no jornal a dizer e a pedir ós senhores que tenham um nadinha de paciência e que não esperem na volta a assinatura que fazem. Não esperem porque estão muitos e muitos e muitos á frente. Para descongestionar, Avelino e Júlio foram há dias ao Porto escolher um ficheiro no Araújo & Sobrinho, e eu tive de dar à beira de seis contos por ele. Eu ralhei no regresso, mas eles disseram que temos de andar prá frente.

O dito ficheiro acomoda quarenta e tal mil fichas, que o Zé da Lenha está pedalando na *minerva*. As vezes tenho medo de me precepar, mas estes rapazes têm as veias cheias de sangue e apontam o caminho.

Quanto ao pagamento das assinaturas, não há queixa. Todos estão cumprindo. Só a devolução das cintas é que está falhando agora e logo. Muitos Senhores esqueceram-se de assinar com o dinheirinho. Os assinantes já andaram mais direitinhos do que andam agora, disse-me o Avelino ontem, a este respeito, nos escritórios do «Famoso». Já andaram mais direitinhos.

gerência. Eu quisera que todos os pais portugueses pudessem gozar a suprema felicidade de verem os seus filhos a trabalhar assim. E peço à Nação Portuguesa que nos ame. Que tenha confiança e espere um mundo, de rapazes que trabalham de dia e que estudam à noite, sem medo de distâncias nem do tempo nem dos perigos nem de nada. Júlio às tantas vem com a sua pasta de correspondência para eu assinar ou ver as cópias do que ele assinou. Há dias era uma carta para um dos nossos fornecedores: querem-nos levar á bebida, mas eu dou-lhes aqui uma teoria. Era um desconto que estava em causa. Júlio não dorme na vinha.

A questão dos vales, ainda não está totalmente morta; de vez em quando lá vem um teimoso ou uma teimosa que não os fazem pagáveis em Cête e temos nós de mandar fazer a cobrança à terra que que lá vem a dizer. Mas isto são coisas de pouca importância. Eu acho que não há nenhum jornal no mundo que tenha, como nós temos, tanto que desculpar, tanto que agradecer e tanto tanto que amar.

A venda na rua aumentou em Lisboa; já vai para os dois mil exemplares. Cada Gaiato é um conquistador. Também eles vão ali descobrindo luras da sua industria e estão largando as portas das igrejas. Coimbra continua em maré baixa. Ali não há sangue. Não há zelo. E mais foi ali que nasceu a Obra! O Porto, esse leva a camisola amarela. Hoje foi o dia que saíram de Paço de Sousa oito vendedores. Não é preciso acordá-los. Manhãzinha cedo, estão eles na cozinha a pedir leite ó Botas e quando o combóio chega a Cete, estão eles munidos e embarcam. É uma aurora quinzenal a vender alegria nas ruas do Porto. Quantos não choram ao vê-los! Quantos não procuram ouvi-los! Quantos há que compram só pelo prazer de lhes tocar!

Eles viviam fora da lei, eram de terras de ninguém; são productos do pecado, mas o amor tudo transforma. O Evangelho é transparente; as coisas e as pessoas vistas através dele, são luz.

Agora a linguagem deles é que é de inspirar receios. Eles põem e dispõem das casas e das pessoas como coisa sua. O Faisca, declara que ninguém entra na Alfândega sem licença dele, e também não deixa que outros entrem no Banco Espírito Santo. O Banco Pinto e Sotto Mayor, também anda muito batiado entre eles. Desde que o Risonho, revelou que vende cento e cinquenta jornais numa Caixa muico grande ao pé da rua do Rosário, andam à coca; e o Zé de Arouca anda com sentido de lhe roubar os Sindicatos e as Caixas de Previdência. Isto é de recear. O Albertino, que esteve impedido duas quinzenas, disse-me que tinha dado os seus fregueses ao Risonho. Faisca que estava ao pé, emendou o verbo dar por emprestar. *Tu emprestaste mas é.*

Ora vejam o perigo em que andam os senhores e as senhoras do Porto. De tal sorte são propriedade dos vendedores, que eles dão e emprestam os seus fregueses sem pedir licença a ninguém!

O Albertino chegou um par de botas. O Risonho entra pela porta do meu escritório dentro, a bufar, e diz, com a mão no pescoço: *Oh! Era um assobio!* Que foram os senhores da Caixa. Amargos dias me esperam. Outro, trazia uma harmónica de boca.

Presidente, pede-me desculpa do abuso, mas por muito instado, aceitou o convite e almoçou em casa de uns senhores;—era uma carne muito bem arranjadinha. Mas não soube dizer a espécie. O mesmo, entrega roupas para uma das nossas doentes, juntamente com algumas palavras e algum dinheiro. As palavras é que são jóias: *do coração agradeço poder fazer algum bem por meio do nosso jornal.* Jóias! E o rapazinho que trouxe estas jóias, era ele, também, uma jóia perdida! Nós somos os Joalheiros.

NOTA DA QUINZENA OUTRA CARTA

Li há dias que o Governador Civil de Bragança, mandara encerrar ao domingo as tabernas do seu distrito. E já tinha tido conhecimento de idêntico processo, no distrito da Guarda. Além disto, o meu Júlio, que anda a par das coisas, informa que passou na Assembleia uma lei geral neste sentido.

Nós temos casas no distrito de Lisboa. Temos casas no distrito de Coimbra. Temos casas no distrito do Porto. Se nos fôsse fácil mudá-las para os lugares aonde pudessemos desde já colher os frutos da lei, era da Guarda ou de Bragança que hoje escrevia esta carta.

Nós recebemos nas nossas aldeias grandes heranças da Taberna. Aqui há tempos, por um leve descuido com a chave da adega, fomos dar com cinco rapazes dos mais pequenos, estendidos no chão, embriagados! Eles adivinham; eles persentem; eles procuram. É a herança.

Da vinha da nossa quinta, damos aos maiores uma porção diária e fazemos muitas vezes um sermão. Prêgamos o vinho. Prêgamos o seu uso e o seu abuso. Nós pomos toda a nossa aflição e toda a nossa vontade neste grave problema, mas jóra das portas não se pensa assim e eles vão e bebem e podem, até, embriagar-se. É domingo. Não há trabalho em casa. A porta está aberta. A das lojas de vinho está escancarada; e até, para mais comodidade, cada loja costuma ter duas e mais portas! Quem pode obstar?

As tabernas são monumentos de perversão. Não é aquele homem que frequenta; ele é um. A família; a vida do lar; os filhos que ele gera. Isto é que é o mundo de perversão. Nós temos autoridade.

Nós temos experiência. Nós somos a Sargeta. Tudo aqui vem ter. Podemos falar.

Aqui há tempos vi-me tão aflito e tão desgostoso, que recorri á autoridade local; lojas de vinho abertas ao pé da porta. Abertas e concorridas. Tive necessidade. Pois a quem havia eu de recorrer? Mas a Autoridade não tem palavras de vida eterna; tem sim as suas palavras. Ei-las: Eu tenho de defender os interesses do concelho que me foi confiado. Assim se fala a bem da nação. Ora nós temos de falar de maneira diferente. Interesses mais altos. Valores mais subidos. Conceitos mais fundos. Temos de falar e de agir de outra maneira.

A penada que mande fechar ao domingo, não enfraquece a venda, não diminui interesses dos negociantes e livra as classes trabalhadoras do pior de todos os males. Aonde a taberna, ali a tentação. Eles não têm necessidades espirituais; não se interessam por leitura, por uma visita aos seus amigos, por um divertimento construtivo—nada; só os quartilhos.

Ele é próprio dos grandes livrar os fracos; amparar os fracos; tirar de diante dos seus olhos as ocasiões. Por isso eu fiquei muito contente quando o Júlio me disse que a lei passara na Assembleia. Eu vi ao longe, por esta notícia, milhares e milhares de operários a estimar as suas quinzenas e dar às mulheres o preciso para as despesas de casa; o domingo ia ser o dia dele e da sua família. Podia, até, comprar no sábado á noite vinho para beber no dia seguinte com os seus á roda da lareira. Eu também bebo vinho. Fiquei contente sim. Mas agora ando triste. Só Guarda e Bragança!

...cheguei aos 18 anos que é a idade de sair tive que sair e lá venho eu para a rua sem conhecer família nenhuma. Derigi-me imediatamente ao Hospital onde dizem que havia nascido. O Senhor Padre Capêlo disse-me que não estava lá o meu acento de Baptismo peguei foi há Creche a a Senhora Superiora disse-me que eu não tinha pai nem mãe e que não conhecia família nenhuma. Peguei fui ao registo haver se lá encontra-va a minha certidão não apareceu. Já aborrecido comecei a

Peditórios

Estava marcado o de S. Domingos, em Lisboa, para o dia 5 de Fevereiro; e como nos mais anos, também neste havia de ser eu. Eu é que marco. Eu é que sou eloquente. Se V. não vier ninguém dá nada, foi a última palavra do P.^e Adriano. Precisamente dois dias antes, eu tive uma ida de urgência a Lisboa, aonde P.^e Adriano veio ter comigo.

Entre outros assuntos falamos do peditório, e eu disse que não. Que não podia ficar em Lisboa dois dias. Que o domingo é precioso pela homilia que eu tenho de fazer ao meus rapazes. E que fosse ele pedir. P.^e Adriano não se conforma e como estávamos perto da igreja de S. Domingos, fomos falar ao Prior. Enquanto fomos, P.^e Adriano punha a questão da preferência; que os Piores da capital queriam ouvir-me e que o seu povo me ouvisse também. Aqui podia eu inchar um bocadinho; era realmente um grande cartaz para um orador sagrado. Mas não inchei por Deus. Entramos na sacristia. Senhor Prior recebeu-nos e escuta. Eu exponho a minha quase impossibilidade de comparecer; e vai ele, com muita simplicidade: tanto faz um como outro.

Ora aqui está a palavra. A grande palavra que tem de andar na boca de todos os parcos de Lisboa, tanto faz um como outro. Em S. Domingos, naquele dia, deram quase vinte e um contos para a Obra; os mais anos tem sido assim. Tanto faz um como outro. Mais. Recebi cartas de Lisboa comunicando com muita alegria, terem ouvido um padre da rua a pedir em S. Domingos. Outra palavra grande que me enche dos pés à cabeça: Padre da Rua. Pois que cada um cante aonde trabalha; Adriano em Lisboa. Manuel em Coimbra. Lufs em Miranda e eu no Porto.

Cantei na igreja do Bonfim; mais uma pitada e chegaria ós cinco contos. E por aí fora até vir o verão, hei-de cantar nas igrejas da capital do Norte.

Ele teve de castigar um dos seus súditos e não exitou. Isto foi á mesa. Pareceu-lhe a ele chefe, ter visto semblantes desgostosos, e na refeição seguinte, por palavras suas, o néo—eleito fala: que castigou e terá de o fazer sempre que isso seja necessário. Que o não faz por outra razão que não seja o bem da Obra. Que ele mesmo tem sido castigado e não está livre de o tornar a ser. Que sem a vontade de todos ele não pode governar. E exige ali um voto colectivo de confiança. Todos se levantaram e lha deram. Isto aconteceu no Porto. Qualquer um tripeiro pode ver e apalpar estes rapazes. Mais. O chefe castiga um que dias antes lhe dera o seu voto! Não faz política; ama a Obra.

veio se arranjava trabalho em quantas fábricas havia todos me prometeram mas nenhum me arranjou não tinha onde comer nem onde dormir andava por aí sózinho pego fui pedir de dormir a uma mulher que tem um filho no mesmo Colégio onde eu estive e que se dava muito bem comigo a mãe lá me está a dar de dormir por as almas e de comer as Senhoras que me andam a arranjar trabalho umas vezes numas outras vezes noutras é como eu ando. O Senhor Padre Américo eu gostava muito de ir para a sua casa para sua companhia veja se consegue a eu ir para aí quanto antes é o que eu peço a Deus. Ando sózinho no mundo sem pai sem mãe sem ninguém. Essas Senhoras perguntaram-me se eu me assujeitaria a qualquer trabalho que aparecesse eu disse-lhe que sim se não fosse possível para Fábrica de Tecidos para outra coisa qualquer que aparecesse não arranjarão nada fartavam-se de pedir e não arranjarão nada por fim disseram-me que se eu gosta-se que me arranjassem para O Gaiato do Senhor Padre Américo e eu disse-lhe que sim que gostava pega deram-me esta direcção e disseram que escrevesse e que contasse toda a minha vida desde que sai do Colégio é o que aqui vai.

Nós desejamos que os leitores de O Gaiato ponham a mão na sua consciência e nessa posição livre e sincera, perguntem a si mesmo se as obras de assistência aos sem família, não são simplesmente uma casa sem telhado.

Recebi há dias notícia de que todos os asilos de Portugal estão contra nós, mas os asilados não. Esses procuram-nos. Eles é que falam verdade. Eles é que dão testemunho do valor social da obra que os recebe em pequeninos e não quer guiá-los quando mais precisam. E esta carta não é do pior; o caso das raparigas sobe muito mais alto. Tu que sabes e eu que sei... Nós temos de falar, em muito que doia a pessoas e a interesses. É por amor deste rapaz e doutros casos semelhantes, que nós falamos. O calar seria um pecado de omissão. Temos autoridade, digo, porque trabalhamos na mesma vinha que os outros, mas com mais proveito e menos dispendio. Podemos dizer ao mundo que o rapaz da nossa Obra, se quiser ser homem, encontra nela a sua oportunidade, até ao ponto de se transferir de lar para lar. Já se vê que nem todos eles se salvam. Nem todos aproveitam, mas isso não é por defeito da Obra. A natureza das coisas é que assim o faz.

Nós temos lares do Gaiato instalados nas cidades mais importantes e mais próximas das nossas aldeias. Temos em Coimbra, temos no Porto e se ainda o não temos em Lisboa, não é que falte ao P.^e Adriano o cuidado e aflição; falta dinheiro. Falta o triste e pernicioso dinheiro. Tal como nas aldeias, os lares também são escola. Os rapazes ali ainda titubiam. Aos dezoito anos de idade e aos dezanove e aos vinte, estão eles aptos a grandes asneiras. E fazem-nas. E repetem-nas. E nós suportamos e esperamos e amamos. Amamos até ao fim. Esta idade é precisamente a mais difícil e eu estou em dizer que é justamente por causa disso, que os senhores das instituições congéneres, escrevem na pauta dos seus estatutos a maré da saída do rapaz. Ora eu peço aqui aos homens de responsabilidade que leiam esta carta, que tomem por ela inúmeros casos semelhantes, que procurem sentir a história amargurada deste rapaz e que me digam na volta se lhes parece bem ser um deles chamado amanhã ao banco dos réus!

Do que nós necessitamos

Nós temos necessidade para já de escovas de dentes. Os rapazes são um rôr; cada um tem um rôr de dentes, e eles já sabem que com os dentes sujos não podem pedir nenhum favor, nem regalias nem privilégios, nem licenças, nem nada. Dentinhos lavados e depois falar.

Outra coisa de que também precisamos, são os teus fatos. Viram-se aqui no mestre alfaiate e os rapazes ficam a reluzir.

Mais mil escudos de uma doente do Funchal. Mais o envelope misterioso.

Mais 500\$00 de um visitante e o dobro de M. P. para os pobres. Mais 50\$00 e mais idem—idem. Mais 5 atados de vassoiras de Espinho. Mais azeite de Penedono.

Mais:

1 tear automático «Sandau» com maquina, motor electrico ASEA de 0,9 HP—955 r. p. m., interruptor automatico a óleo e respectivas ligações electricas, carregado com uma teia de sarja e com 48 canelas e 20 bobinas cheias de trama e 4 lanca-deiras.

1 caneleira de um fuso, com motor electrico EANE de 0,25 HP de 920 r. p. m.

Nunca se viu dado mais completo! Veio na camionete da fábrica. A teia é de um quilómetro. Os homens assentaram e puzeram a trabalhar.

Foi um verdadeiro acontecimento na nossa aldeia. Santo Tirso falou. Honra ao Senhor Figueiredo.

Agora só falta a participação-zinha às autoridades, de que nós estamos arruinando interesses particulares a favor do Bem Comum. Nós somos os malfeitores do século.

Outra prenda de categoria, foi um cheque do Departamento Marítimo de Lourenço Marques, onde vinha uma parte do produto da venda do antigo vapor Liberal, para sucata. Não é a quantidade; o cheque é de dois contos e quê. E' a qualidade.

Eleições

(Continuação da 1.^a página)

ninguém se admire, digo, que ele haja tomado uma chave para roubar, sem dar conta do bem que ia perder. Isto doi, mas são dores necessárias.

Os nossos chefes deliberam. Demos aqui a notícia das eleições no lar do Porto; foram ali as primeiras a sério. Só agora temos ali rapazes edónios. Eles escolheram um destes e fizeram muito bem. Não se calcula a imensa alegria e o brio que eles experimentam e amor que consagram ao seu chefe. Mas há dias foi preciso ao chefe exercer a sua autoridade.

ISTO É A CASA DO GAIATO

NÃO é raro aparecer-nos por aqui um ou outro itinerante, o qual fica, e passado algum tempo vêm deprecadas de Comarcas chamando-os a contas. Assim aconteceu há dias. Veio o aviso do Tribunal, convocando o rapaz para as tantas horas de tal dia, e à parte, outro aviso ao *Senhor Director*, para igualmente se apresentar. O aviso do rapaz, a seguir ao seu nome, trazia a informação: *matéria crime*. Foi esta a primeira notícia de que tínhamos cá em casa um criminoso! Chamei por ele e perguntei-lhe se sabia andar de bicicleta. Ele é um rapaz de rara vivacidade. Que sim, disse. Mostrei-lhe o aviso do Tribunal, e no dia marcado, às horas precisas, estava o *eriminoso* junto da bicicleta, pronto a fazer os este quilómetros que nos separam da sede da Comarca. O rapaz monta, mas não chega aos pedais. Tristeza minha e tristeza dele. Como o Júlio tivesse de ir a Penafiel naquela manhã, aceitou o encargo e levou no quadro da sua bicicleta o dito *eriminoso*. Ele é um amor de rapaz, torno a dizer. Júlio levou outros encargos, tendo-me dito, antes de partir, que o entregaria ao Juiz, indo depois à sua vida. Pela minha parte, sendo eu, como vinha na intimação, o *senhor Director* da Casa do Gaiato, também tenho uma vida muito ocupada, para acompanhar o menino; de sorte que este ficou sozinho a responder às perguntas dos autos. Júlio despacha-se e a caminho do Tribunal, encontrou o *eriminoso* numa tasca a discutir com o tasqueiro. O Juiz

dera-lhe cinco escudos para ele ir comer e ele cumpriu e foi mais além. Comeu e bebeu. Chegado que foi a casa, informou-me que pedira dois trigos e meio quartilho. Que o tasqueiro lhe queria levar três tostões a mais, mas que ele não se deixou comer.

Tive muita pena de o rapaz não chegar aos pedais, pois quisera vê-lo ir sozinho gozar a bicicleta e o sol que então fazia, certo que este *eriminoso* voltaria sozinho a sua casa, com bicicleta e tudo. Ele tem casa. Ele sabe que tem *agora* a sua casa. Tivesse-a ele tido desde pequenino, que jamais iria a um tribunal, naquela idade!

FOI o Botas. É o Botas. Amigo Botas, resolveu fazer hoje o seu recreio, correndo por sobre o muro da quinta, e o resto já se sabe. Não foi nada; caiu abaixo. Eu dei fé, quando vi uma procissão avenida acima, com o Botas, doloroso, numa cadeira feita dos braços do Moreira e outros, e atrás grande malta, também dolente. Em cima, ao pé do hospital, enfermeiro esperava. Foi-se ó telefone, mas a menina informa que não havia linhas. O nosso *Morris* estava na oficina; depois de fazer cinquenta mil, o *Morris* está prégando a caducidade das coisas do mundo! Chamou-se um carro de Cete. Enfermeiro e Botas embarcam. Não estava em casa o nosso médico, que mora em Baltar. Não estava ninguém no hospital de Paredes, para onde o sinistrado se dirigia. Encontraram finalmente o Dr. Fer-

nando Pereira, de Penafiel, que examina e declara não haver fracturas. Temos o Botas de cama com muitas dores no braço esquerdo, esmurradelas no rosto, e amassadelas no corpo.

Eu já há muito tempo que estava à espera duma coisa assim. Não é o Botas o primeiro que tem feito seus recreios por de cima do muro. Não é. Mas foi o primeiro a provar. Agora pode contar aos outros como é...!

NORBERTO voltou a ser o meu refeiteiro, depois de uma ausencia larga em serviço na rouparia. Gostei do seu regresso. O Norberto é muito meu amigo. À hora da merenda vem sempre ter comigo e insiste para eu tomar algo; chá, café, fruta. Sinto-o às vezes tão triste pela minha recusa, que tenho pena dele e digo-lhe que sim. Merendo. É a máguia do rapaz que me dá o apetite...! Mas o Norberto não é sómente meu amigo à hora da merenda; no refeitório também é. Ele zela as minhas coisas, tanto que deu fé do meu maço de *suaves*. Deu conta de que alguém ia ós cigarros. Ele mesmo se propôs verificar a falta, mas o *rato* é que ele nunca encontrou. Ora Norberto, lembra-me a necessidade de os fechar e diz que o Récio tem uma gaveta aonde põe a louça dele, mas que não quer emprestar a chave. O Récio é refeiteiro dos grandes. Chamei Récio à pedra e no curso da conversa, começo a

perceber que ele tinha na gaveta laranjas *assaltadas*. Continuando a dita conversa, vim a descobrir que o Tomar também tinha ali laranjas *assaltadas*. Como eu gosto muito

dos dois rapazes e para os não comprometer, não prossegui. Mais. Para tirar ao Norberto os cuidados dos meus cigarros, resolvi não tornar a queimar nenhum, e pronto.

Crónica da Nossa Aldeia

Hoje mais uma vez venho dar notícias da nossa aldeia. Há muito que o não fazia, não por desleixo, mas sim por falta de tempo, e também porque tem havido original para o "Famoso". Eu sou uma espécie de salva-vidas. Enquanto o Pai Américo vai tendo original, eu não sou preciso com as minhas crónicas mal escritas e cheias de erros. Mas o pior é quando não há original para encher o "Famoso". Então sou eu que venho valer a situação com uma das minhas crónicas que como já disse, mal escritas, e que até cuidado eu quase não devem ser lidas por nenhum dos nossos leitores, tal a minha personalidade de crónica.

Contudo, aí vai.

O primeiro acontecimento que lhes tenho a contar, é que nos fugiu a carneiro. Depois de vários lugares, foi apanhado em Bairros. Quando chegou a casa, foi logo entregue a um dos cozinheiros.

Nasceu-nos a primeira ninhada de pintos deste ano. São muito bonitos e engraçados. Tudo quanto é pequeno para nós maiores, é muito

bonito e engraçado. Os miúdos também lá vão vê-los.

A nossa casa de lavoura está muito adiantada. Já lá andam os carpinteiros a fazer a armação numa parte da construção. Vai ficar muito bonita. Vai levar uma cozinha; no segundo andar vai levar quartos, enfim vai levar as comodidades de uma casa de lavoura.

Afinal no nosso jornal vinha a dizer que não mas eu agora digo que sim.

Houve. Na reunião dos chefes todos tinham chegado a um acórdo de que se devia eleger um chefe como se faz todos os anos. E assim foi. O lugar escolhido foi o refeitório dos grandes. Foram eleições livres. E foi eleito o Sérgio. O Sérgio é que ganhou. Escolheu-o a maioria.



Mais uma ninhada de porcos. São 8 e são muito gordinhos. Tem alguns mais magros mas isto não é nada. Também é a primeira deste ano.

Notícias de Coimbra

1 O que nos têm deixado no meu emprego: duas assinaturas novas, que são. Mário Jorge Pessoa de Miranda Roldão—Mira—50\$00.

Fernando Pessoa de Miranda Roldão—Mira—50\$00. Pagamento adiantado. O Senhor que trouxe estas assinaturas deixou também 100\$00 para a tipografia, e disse que o pagamento das assinaturas eram pagas todos os anos dia 1.º de Janeiro. Mandar cobrança e todas as despesas á conta dos assinantes. Este Senhor é assinante, mas também quer que todos os outros sejam.

Novo assinante estrangeiro: Gencsi Deasó—B. Antero de Quintal—Coimbra, com 40\$00. Pagamento adiantado; e mais o do assinante é o digníssimo (treinador) da A. Académica de Coimbra. Agora é o assinante número 9059 que diz que vem fazer a sua desobriga, e diz para não dizerem o nome. Inácio pôs a sua em dia, com 50\$00 para a assinatura e outros para a tipografia. E mais 3 novas assinaturas do Bairro Económico, que um senhor da Vacuum arranhou. Este veio pôr a sua em dia com 40\$00.

2 Desta vez foi um anel, que sendo de ouro tem ainda mais valor; Mais, porque não veio sozinho, mas sim com alguma coisa de dentro. Vinha com os seguintes dizeres: «Uma promessa de quem muito deve a Deus» Estas sim: Estas valem por muitos.

3 Aqui já acabou a ginástica agora é o Oliveira que é jogador do União de Coimbra, que nos vai treinar a Miranda com todos os treinos e jogos. Daqui têm ido Carlos Alberto, Inácio, J. Eduardo, Alfredo, J. Maria, Bucha, João Carlos e eu,

4 A relação dos empregados daqui é a seguinte: Carlos Alberto trabalha na Auto Industrial; e fora disso á noite anda a estudar na Escola Industrial. João Carlos, á frente no melhor armazém de solas e cabedais no centro do país, e fora disso estuda no com ércio. Alfredo Serra trabalha na garagem—Pedros, Irmaãos—Carlos. Ferreira na casa—Marcial Ferreira Ramos—Machado—Farmácia Sitália—Leiria Importadora—José Maria—Tipografia Gráfica—e agora resta dizer que o meu é: Portírio Delgado 2.ª. R. Ferreira Borges n.º. 123.

ERNESTO PINTO

Notícias da Casa de Miranda

O passado domingo realizou-se mais um encontro de futebol entre as categorias dos gaiatos e o Sport de Lisboa e Semide em que nós vencemos por 7-2. Os grupos alinharam: pelos gaiatos.

José Eduardo, José Carlos, José Maria. R. Inácio, Monarca e Zaninha. Carlos Alberto, Alfredo, Oliveira, Ernesto e João Carlos.

Semide: José Augusto, Adelino e Moço Alfredo, Matos e Joaquim, Arlindo, José M., Walter, Oliveira e Agostinho. Perante alguma assistência o jogo começou às 15,30.

Os gaiatos com o desejo de ganhar puseram-se ao ataque e na primeira avançada o nosso avançado-centro Oliveira conseguiu anichar o esférico na rede contrária. Iam decorridos 10 minutos quando os visitantes deram bastante trabalho à nossa defesa, e que passados momentos Monarca veio à defesa aliviar para o meio do terreno uma bola perigosíssima para a nossa baliza. Os visitantes procuravam modificar o resultado de 1-1 mas foram ainda os gaiatos que obtiveram mais dois tentos terminando assim a primeira parte com 3-1 a favor do nosso grupo. Os gaiatos na segunda parte procuraram com mais energia, meteram-se

ao ataque para conseguirem um resultado mais volumoso, e assim conseguiram marcar mais 8 tentos em que quatro foram invalidados por off-side dos nossos atacantes que se aglomeravam constantemente na grande área dos adversários. No grupo dos gaiatos notou-se a ausência de Venâncio e de Humberto por estarem feridos. Pelo grupo dos gaiatos salientaram-se: Oliveira, Alfredo, José Baltazar assim como José Eduardo que esteve em tarde feliz nas balizas. E pelos visitantes: Walter, José Augusto e o extremo esquerdo Agostinho que fez uma bela exibição. O jogo foi arbitrado pelo Sr. Lito de Campos jogador da categoria de honra do Club Atlético Mirandense que fez uma arbitragem imparcial. O jogo decorreu muito bem apenas houve uma expulsão de um jogador de Semide por não obedecer ao árbitro. A vitória foi justa pelo trabalho contínuo dos nossos jogadores.

ANDAMOS atarefados, e ao mesmo tempo entusiasmados por vermos o desenvolvimento das nossas obras novas que cada vez vão mais adiantadas. O desejo de nós todos é ver tudo pronto e lindo que tanto precisamos por motivo das casas velhas estarem em péssimo estado.

ANTÓNIO GIL